

Doc - 6/11/80

OT/FUNAI/TRANSAMAZONICA

BASE LOGÍSTICA DE PUCURUI

LOCALIDADE : PUCURUI - MUNICIPIO DE TUCURUI - PA

DELEGADO ESPECIAL : CEL. CLOBERTO BLOISE

Do:
Delegado Especial da Base de Pucurui

*Nota - 10/6/76 - e e
Doc 04/10/76
Doc 29/6/82*

At:
Sr. General BANDEIRA DE MELO
RD, Presidente da FUNAI - BSB

+ ASSUNTO RELATÓRIO DO ENCONTRO DE
Nº 20 DO SERTANISTA JOÃO CARVALHO
COM OS ÍNDIOS PARAKANÁ (APRESENTA)

Por cerca das 17:10 horas do dia 10 do corrente mês, apresentou-se a esta Base o sertanista João Carvalho, juntamente com três trabalhadores braçais que vivem do acampamento dos índios Parakaná para fins de recebimento de seus vencimentos, deu caso solicitar recursos que de momento necessitam, a fim de satisfazerem o pedido dos índios.

Ao chegar na Base o sertanista João Carvalho informou o seguinte:

Até o presente momento já conseguia contactar 20 vezes os índios Parakaná em nosso acampamento na roça dos nomeos, na cabeceira do Rio Lantaa, e que por duas vezes pernoliteram em sua aldiã nas cabeceiras de um afluyente do Rio Andorinha, em um pequeno grão (igarapé), e ainda um pernolite feito em um de seus acampamentos num afluyente do igarapé por nome de Lant, que por sua vez é afluyente do Rio Boouri.

Todos esses contactos foram declinando de sua agressividade por parte dos índios, à medida que o número de vezes aumenta. Tanto,

RECEBIDO
29/5/87

Aguiar

que nestes últimos os mesmos não possuem mais aquela desconfiança que outrora tinham pelos cristãos (tury). Comportam-se como se estivessem em suas aldeias ou acampamentos. Passam quase o dia todo com o nosso pessoal, comendo e bebendo como amigos de longa data. Conversam, contam histórias de caçadas dançam, cantam, e, a todo momento perguntam como os "tury" vivem, e que nome a quantas mulheres cada um possui e também a geração, toda ela, existente de cada um, mulher, filhos, pai, mãe e parentes. Não mais avançam desordenadamente para se apoderarem do material existente no acampamento. Ao chegam perguntam o que tem de presente para eles, caso positivo, o capitão recebe ali mesmo no barracão, e faz a distribuição de acordo com os seus princípios. Porém, caso seja esclarecido que alguns dos brindes venham a pertencer a índios que no momento ali não estão, o mesmo fará a entrega ao destinatário, inpreterivelmente onde o mesmo estiver, por quanto o nome de grande maioria já é do conhecimento de nosso pessoal. É incrível que pareça não haverá extravio de presente, o mesmo chega ao seu destino com toda segurança.

Nos primeiros contactos não tínhamos condições para assim proceder, em virtude de os índios darem os nomes errados por falta de confiança em nossos homens. Alegam a todo momento que o Xá, no caso o João Carvalho, não mente. "In sa-zi". Toda a comida oferecida os mesmos perguntam imediatamente se tem sal ou açúcar, caso positivo eles não comem, porém mandam o pessoal comer.

Aderem a caça moqueada "sem sal", comida essa que constantemente se alimenta em nosso acampamento. Podemos agora informar que o grupo sediado ao sul da Francaesônica, nos limites cabeceira do Lontra e Rio Repartinato, é constituído de mais ou menos uns 150 índios, sendo o maior número de crianças entre 10 anos e recém-nascidos, esperando-se ainda para este mês, o nascimento de mais alguns, provavelmente uns três. A maioria das índias estão em estado de gravidez, uma das razões que causou surpresa no cartanista João, porquanto normalmente o intervalo de gestação se processa em outras tribos de no mínimo três anos, de maneira a facilitar a criação dos mesmos. Por outro lado, podemos também atribuir grandes perdas de adultos (maiores até 16 anos), razão pela qual os mesmos estão procurando recuperação. Os mesmos possuem duas aldeias grandes, uma já visitada pelos nossos homens, situada à margem de um afluente do Rio Arderinha. É a outra,

que dentro em breve será visitada também, e que fica à margem do Igarapé Ita.

Provavelmente será esta segunda aldeia que em também irei conhecer-la, dentro de breves dias. Evidentemente deverai me nutrir nos costumes da tribo: cabeça raspada e pintada de urucu; sombrancelhas rasgadas; todo o corpo pintado artisticamente com genipapo e colocação de penas para proteção do membro e símbolo de estar vestido. Todo este trabalho é executado pelas índias, numa medida de duas para cada pessoa, exceto a colocação da "plumagem", que é feita pelos índios. Por outro lado, observamos que nos poucos o certanista João tem procurado ensinar nos meninos os nomes "costumes", sendo que eles já permitem que os "brancos" em suas aldeias andem de "shorts", evitando assim a nudez completa, bem como fazer curativos de qualquer espécie, unicamente perguntar se vai doer e se cura rápido. No presente momento o maior trabalho vai ser de atendimento, pois constantemente eles aparecem com ferimentos, caso não tenham procurado qualquer arranjo para fazer curativo.

Estamos procurando agora entrar na segunda parte, que é a aplicação de injeção e vacina. Evidentemente será aplicado em primeiro lugar em um dos nossos homens para que o capitão assista, e em seguida nos índios que precisarem de medicação. Graças a Deus o estado de saúde desses índios até o presente momento é excelente, porém, devemos permanecer atentos para que não haja qualquer contágio que possa nos apenhar de surpresa.

Esta fase, acredito ser a mais difícil para nós, porquanto terá que ser muito bem orientada, de maneira a não ocasionar um fracasso total. De antemão sabemos que as vacinas vão ocasionar sérios transtornos na vida dos índios, devido a positividade de de absorção, podendo aparecer reações diversas e insalváveis, porém, só as faremos em último recurso. Pelo exposto podemos afirmar e mesmo preparar a "pacificação" desses índios; resta-nos agora somente manter este padrão de confiança, adquiridos com o sacrifício de sete longos meses pelos nossos homens que souberam lutar e vencer sem nenhum sacrifício com o risco de suas próprias vidas. A eles e a todos os elementos de retaguarda que sempre procuraram manter bem alto o nome da FUNAI, "coincemos parabéns". Falta-nos ainda, no por vir, a etapa final, que é a construção de um posto indígena "Parakenã", junto, ou se possível, na própria aldeia, com o propósito de apoiar, socorrer e instruir a estes brasileiros que tanto necessitam de nosso amparo. Em se tratando de índios arcaicos, conforme consta dos documentos até bem pouco tempo dados como variáveis, podemos agora afirmar que realmente não o são, o fazer somente para

caça e pesca, peccu, possuem suas aldeias e roças, e nelas vivem tôdas as
vêzes que se torna necessário. Seus acampamentos são usados unicamente pa-
ra pernoite, quando de regresso de uma caçada e não possam atingir as
suas aldeias. Este esclarecimento só pode ser relatado no presente momen-
to, em virtude da falta de comprovantes que existia anteriormente.

Junto a êste relatório, segue, para fins de estudo,
dois tipos de farinha por eles fabricada e associada pelo sertanista Jo-
ão. Uma delas feita da casca de mandioca e a outra da própria mandioca
(puta). Segue também mais uma rede "original" feita de tecido "Euhéca" Te-
rel, e duas perneiras e uma braçadeira de fio de algodão por eles tecidas
Como complemento seguem quatro perneira, porém, o seu tecido é de algodão
de fabricação dos cristãos, provenientes de varandas de redes e rolos de
barbante.

Com o seu regresso da aldeia acredito trazer um maior
número de comprovantes, afim de que possamos destruir de uma vez por tô-
das as falsas interpretações de elementos despeitados que desacreditam na
qualos que estão cumprindo com o seu dever para com a Funai, consequente-
mente com o Brasil.

Nada mais havendo o que relatar, acredito ter sucin-
tamente esclarecido êstes últimos acontecimentos na aldeia dos Parakanã.

Atenciosamente,

Col. CLAUDIO BLOISE
Delegado Especial da Base
de Pucurui

Base de Pucurui, 14 de maio de 1971